

SINOS DE NATAL

Devia de ter para aí uns sete anos e recordo-me perfeitamente de ir com os meus pais, irmãos, primos e tios, à missa da meia noite, chamada também de missa do galo. A igreja estava toda iluminada, e nestas datas estava sempre cheia como um ovo, havia quase tantas pessoas em pé como sentadas. A minha mãe, para variar, fazia sempre o mesmo número, dizia que se tinha esquecido da chave e voltava a casa para compor a árvore de Natal com as prendas, para que ao chegarmos da missa pudessemos logo ver os presentes que o menino Jesus tinha colocado no sapatinho.

Era a magia do Natal, com o repicar dos sinos, a luz das velas e a promessa selada pelos homens, com o aperto de mão de Boas Festas, de *Paz na Terra e Boa Vontade entre os Homens*. Até parece que os sinos tinham um som diferente no Natal, que nos preenchia a imaginação infantil. Agora que somos adultos, percebemos que o toque dos sinos nos faz recuar no tempo e recordar esses natais. E por muito que nos congratulemos pelo facto de nos termos emancipado, do que, de maneira trocista designamos por fantochadas da igreja, a verdade é que sentimos a falta dessas recordações de infância.

O casamento místico do toque do sino com as velas representa a unidade cósmica da luz e do som. O sino transmite à humanidade a mensagem mística de Cristo, o “Verbo”, quando nos chama do trabalho mundano para o culto e a adoração diante do altar iluminado, onde Ele vem ter connosco como a “Luz do Mundo”.

Não é por acaso que José Saramago nos diz, num dos seus contos de Natal, que: “O nosso grande erro, esquecidos como em geral andamos das infâncias que vivemos, foi pensar que as crianças nascem uma única vez, e que depois de nascidas se limitam a ficar à espera de que o tempo passe e as transforme em adultos, os quais, como deveríamos saber, constituem uma espécie diferente dos seres humanos. A criança começa por nascer uma vez, que é a de vir ao mundo, e depois continua a nascer para compreendê-lo, não tem outro remédio nem há outra maneira.

José Saramago, ateu convicto, sem saber, enunciou uma verdade oculta, que é precisamente a da Lei do renascimento. E, da mesma forma que a criança quando nasce, ainda não tem experiência e que, segundo Saramago, “*sem outro remédio continua a nascer para compreender o mundo, não tem outro remédio nem há outra maneira*”; também qualquer ser humano, ao morrer, tem que renascer para viver de novo e compreender as lições que o mundo nos vai dando. E à medida que vamos progredindo, teremos que renascer muitas vezes como a criança de Saramago para compreender as lições que o mundo encerra, porque não há outro remédio nem há outra maneira”, de evoluirmos espiritualmente

Gostaria de vos desejar um Feliz Ano Novo!

1 Janeiro 2024

António Ferreira